

## *Blend* lexical como mecanismo responsável pela construção de humor em piadas

SUELLEN LOPES BARROSO  
ROSELENE VAÚNA DE ALMEIDA  
RODRIGO CORRÊA MARTINS MACHADO

**Resumo:** O *Blend* lexical é um mecanismo de união de duas palavras ou mais, com algum tipo de semelhança fonológica, morfológica, sintática ou semântica entre si. Este mecanismo difere-se do processo de composição, pois nele as raízes das palavras se unem, sem ocorrer o encadeamento propriamente dito destas, uma vez que a ordem linear delas não é conservada, como acontece em *aguardente*, *planalto*, *beija-flor*, entre outras. Em construções do tipo *blend* a ligação ocorre a partir de pontos convergentes entre as palavras, podendo ocorrer a união entre apenas uma letra em comum, ou até em sílabas compartilhadas por ambos os vocábulos. Em nosso estudo objetivamos investigar como se dá o elemento cômico em piadas, nas quais esse fato é observável graças a mecanismos morfológicos e fonológicos, principalmente no que concerne às formações de palavras do tipo *Blend* lexical no português. Desta forma, pretendemos apresentar neste estudo o *Blend* lexical como operação importante utilizada em construção de piadas, considerando o papel social que estas podem representar em um determinado discurso.

**Palavras-chave:** *Blend* Lexicais; Humor; piadas.

### 1. Introdução

Estudar o discurso humorístico, especificamente piadas, provém da ideia do papel social por estas exercido, do seu papel na dinâmica social, da polissemia que nestas é utilizada para causar efeito cômico e das complexas operações linguísticas utilizadas para podermos entendê-las e depois proporcionar o riso.

As piadas, na maioria das vezes, falam sobre sexo, política, racismo, instituições, obesidade, órgãos genitais pequenos ou grandes, ou seja, temas socialmente controversos e falam, muitas vezes, sobre tabus sociais. Elas são um excelente *corpus* para que possamos reconhecer ou confirmar manifestações culturais e ideológicas, sendo assim, externalizam determinados estereótipos.

Elas também nos fornecem dados indispensáveis para pesquisas sobre representações sociais. Por exemplo, português é burro, loira é burra, japonês tem pênis pequeno, etc. Piadas são interessantes porque, na maioria das vezes, veiculam discursos proibidos, não-oficiais, que as pessoas não usam em seu cotidiano. Para Possenti (2000, p. 25), “se você diz a alguém que estuda piadas, o primeiro efeito que produz ainda é o

riso. É uma pena que seja assim, porque as piadas são, de fato, um tipo de material altamente interessante. Por várias razões”.

De acordo com Ávila (2003) “O humor está relacionado à capacidade de perceber e apreciar a diversão e a graça da vida e, por isso, rir”. O humor, portanto, é uma capacidade inerente ao ser humano. Porém, para Platão e Freud o riso não se relaciona diretamente à felicidade ou outros estados emocionais (ÁVILA, 2003, p. 23).

Raskin (1985) nos afirma que o “ato de humor” é um fato individual que depende de estímulos, como o contexto em que está inserido, os valores partilhados pela sociedade e por cada cultura, bem como, os conhecimentos que os participantes compartilham.

Esta pesquisa se faz importante pelo fato de que pode contribuir para os estudos sobre piadas, ambiguidade, morfologia, fonologia e pragmática, além de fomentar discussões acerca de um referencial teórico muito pouco estudado e difundido no campo dos estudos linguísticos.

Em nosso estudo objetivamos investigar como se dá o elemento cômico em piadas, nas quais esse fato é observável graças a mecanismos morfológicos e fonológicos, principalmente no que concerne às formações de palavras do tipo *Blend* lexical no português. Especificamente pretendemos analisar a produção da piada como uma projeção inesperada, pragmaticamente inadequada, resultado de reorganização morfológica de uma expressão linguística, além de, verificar as construções morfológicas, sintáticas e fonológicas como disparadoras do efeito humorístico em piadas.

Para a realização do nosso trabalho faremos uma pesquisa descritiva, que a partir da análise das piadas e de suas construções, procura descrever os processos (morfológicos e fonológicos) utilizados para a construção e o entendimento destas. Para o desenvolvimento deste projeto utilizaremos a pesquisa bibliográfica.

Também utilizaremos o levantamento do *corpus*, no qual buscaremos um número representativo de piadas que causem a comicidade a partir de alguma reestruturação morfossintática (morfofonológica) colhidas em revistas, websites, na fala e conhecimento dos falantes-ouvintes do Português do Brasil, por fim será feita a descrição e análise do *corpus*.

## 2. Referencial Teórico

Sabemos que o humor se dá principalmente por construções ambíguas, porém, ele pode ocorrer também devido a outros fatores, como pela ocorrência de mecanismos que utilizam de vocábulos morfológicos e fonológicos – responsáveis pela formação dos *blends* lexicais – os quais abordaremos neste trabalho.

Sendo assim, esta pesquisa é contemplada como algo que pode ser uma grande contribuição no campo dos estudos linguísticos, ao demonstrar que o humor em piadas pode englobar níveis muito mais complexos de análise a partir da forma. E que estudos sobre palavra fonológica, morfológica e *blend* lexical, nos quais nos basearemos neste

trabalho, podem não ter sido esgotados em relação à riqueza de pesquisas que podem proporcionar.

Não é só a semântica, no plano da ambiguidade e de entendimentos, que exige certo conhecimento de mundo para que possa causar o riso no falante-ouvinte. Também a sintaxe, que lida com a utilização de palavras em determinados contextos e posições frasais e considera a integração entre as informações nas frases ou períodos, bem como a fonologia que pode fazer com que uma palavra, ao ser pronunciada, gere o efeito cômico. Assim como a morfologia, que através de formações de palavras e no plano das palavras morfológicas e fonológicas podem causar a “graça” devem ser compreendidas de maneira conjunta para que possamos entender e explicar como alguns mecanismos de comicidade funcionam em piadas.

Ao observar em nosso *corpus* como o cômico se dá a partir da forma, faz-se necessário a discussão sobre o que vem a ser vocábulo e palavra.

Para Luft, “palavras são organismos significantes, signos que integram o plano associativo da língua, divisíveis em constituintes nocionais (lexemas, afixos) e gramaticais (desinências)”. Já as autoras Basílio (2004) e Rosa (2005) consideram que há diferentes formas de se entender o que é uma palavra.

Basílio (2004) distingue três tipos de palavras, que seriam, segundo ela: palavra gráfica: “sequência de caracteres que aparece entre espaços e/ou pontuação e que corresponde a uma sequência de sons que formam uma palavra na língua”; palavra estrutural: em que “seus elementos componentes, ou formativos, apresentam ordem fixa e são rigidamente ligados uns aos outros”; e palavra fonológica, ou seja, uma “sequência fônica que ocorre entre pausas potenciais”. Rosa (2005) entende palavra gráfica da mesma forma que Basílio e o que esta autora chama de palavra estrutural Rosa (2005) considera uma palavra como unidade morfológica, que segundo a autora pode ser sinônimo de lexema, forma de palavra e palavra morfossintática ou gramatical. Esta autora ainda define palavra fonológica como “unidade formada por fonemas, sílabas e traços supra-segmentais”.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1969, p. 34) afirma que as gramáticas tradicionais nunca explicaram claramente o que é um vocábulo e que estas partem da língua escrita para defini-lo como “o conjunto de letras entre dois espaços em branco”. O referido autor afirma que os termos palavra e vocábulo são entendidos como sinônimos, porém para ele “o melhor critério para essa distribuição parece ser o de atribuir a vocábulo uma significação geral e considerar “palavra” um tipo especial de vocábulo, de aplicação aos nomes e verbos”.

A respeito da discussão entre vocábulo e palavra, portanto, não há consenso, é o que afirma Rosa (2005) quando diz que para a linguística não há uma definição certa para palavra, pois esta pode ter diferentes caracterizações explicitadas pela autora como: “uma unidade fonológica”, “elemento mínimo de estrutura sintática” e como elemento do vocabulário da língua, há também a palavra gráfica, que a gramática tradicional chama vocábulo, e ainda a “unidade fonológica” que corresponde ao conceito de vocábulo fonológico para Mattoso.

A partir dessas discussões consideraremos a definição de vocábulo morfológico e fonológico adotada por Câmara Jr. (1969), para o qual vocábulo fonológico “(...) corresponde a uma divisão espontânea na cadeia da emissão vocal” e vocábulo morfológico, que ocorre “quando um segmento fônico se individualiza em função de um significado específico que lhe é atribuído na língua”.

Algumas piadas utilizam-se dos vocábulos fonológicos e morfológicos, com o intuito de despertar o humor. Nas piadas que utilizam o *blend* lexical como mecanismo que proporciona o humor, se depreende que dois ou mais vocábulos morfológicos se unem para formar um terceiro. Da mesma forma para a formação de uma construção do tipo *blend* tem-se inicialmente dois vocábulos fonológicos que se unem e formam um terceiro.

Através do conhecimento da língua, ou competência lexical, o falante reconhece a diferença entre os dois vocábulos iniciais que formarão a nova palavra, conseguindo notar o humor inerente às piadas – que é relacionado à junção de significados que ocorre no *blend*.

É interessante observar que esse processo de divisão entre vocábulos fonológico e morfológico é um traço da nossa língua, uma vez que nela há o fenômeno o qual Câmara Jr. (2007) chama de fenômeno da ligação, que ocorre quando a sílaba final de um vocábulo se une à vogal inicial do vocábulo seguinte.

Sobre os vocábulos fonológicos é importante ressaltarmos que as pausas da fala denominam-se “grupo de força” e o vocábulo fonológico depende desta força, chamada de “acento”.

A moldura teórica em que nos apoiaremos para desenvolver esse estudo é a hipótese sócio-cognitiva da linguagem. Segundo Ávila (2003, p. 5), a hipótese sócio-cognitiva rompe com a ideia de que é possível estudarmos as sentenças separadas do seu contexto de enunciação e que “o significante funciona como orientador de sentido”, não tem uma propriedade essencial à linguagem, mas sim opera como um produto de negociações entre os interlocutores, a autora nos mostra também que a hipótese sócio-cognitiva funda-se no tripé: linguagem, cognição e comunicação. O enfoque está no caráter social da cognição, uma vez que o processo de construção do sentido passa necessariamente pelo reconhecimento do outro.

Os sócio-cognitivistas tomam a noção de contexto de modo dinâmico, como concepção fenomenológica. Para Salomão (1999), toda experiência social e semantizante só é possível de se realizar em um quadro social, quando lhe é dado sentido. A visão objetivista de interpretação nos diz que os significados de uma expressão linguística devem corresponder a condições de verdade, já a visão cognitiva de interpretação de significados contraria essa visão objetivista.

A partir dessa visão cognitiva de interpretação, observamos que uma palavra não possui somente um significado e que nem todos os significados atribuídos a uma forma encontram um referente em “universos possíveis”. Muitas palavras possuem um significado relacionado, a isso se dá o nome de polissemia.

Para Houaiss (2001), polissemia é a multiplicidade de sentidos de uma palavra ou locução. Então há na piada um processo polissêmico, que é o processo pelo qual o riso é proporcionado às pessoas, usa-se a ambiguidade de uma palavra ou expressão para dar efeito humorístico à piada.

A polissemia é uma área praticamente impenetrável simplesmente pelo fato de que os sentidos múltiplos das formas polissêmicas não parecem compartilhar condições de verdades objetivas (SWEETSER, 1990).

Segundo Lakoff e Johnson (1980) “Grande parte da polissemia se dá pelo uso metafórico, e não somente a nossa linguagem, e também nossa cognição operam metaforicamente”. A polissemia nada mais é que uma ligação sincrônica de vários sentidos relacionados a uma única forma, e nas piadas esse efeito polissêmico é que faz com que se tenha o humor, pois a partir de um a palavra de uso metafórico se dá o riso.

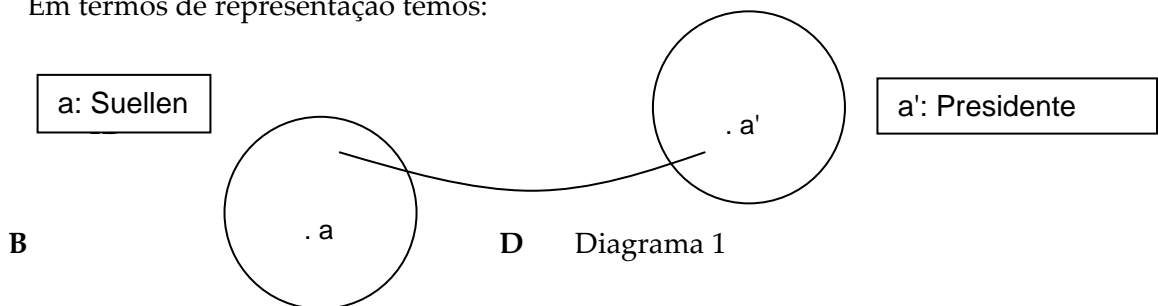
Utilizamos também a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1984,1997), a qual postula que a linguagem é “uma parte de uma empreitada cognitiva mais geral, que leva em conta modelos culturais e sociológicos, aprendizagem, desenvolvimento psicológico e mapeamentos neurológicos (FAUCONNIER, 1997, p.1)”.

Ávila (2003) mostra que os espaços mentais são domínios conceptuais precários, operadores temporários do processamento cognitivo, são “construídos em interação, a partir de marcas linguísticas e contextuais”. Ela diz também que “construtores de espaços mentais apontam a existência de constructos mentais específicos e introduzem domínios diferentes” (ÁVILA, 2003, p.9)

Os nomes e descrições estabelecem elementos nos diferentes espaços mentais e suas contrapartes são associadas pelo Princípio da Identificação ou Princípio de Acesso, que diz que uma expressão ao descrever ou nomear um elemento em um espaço mental pode ser usada para acessar sua contraparte no outro espaço mental.

Ex: Em meu sonho Suellen é uma boa presidente.

Em termos de representação temos:



No espaço-base B (que pode, em alguns casos, ser considerado como âncora da situação comunicativa), tem-se o elemento *a* ‘Suellen’, que encontra sua contraparte em *a'* representando uma presidente no espaço sonho, estabelecido pelo construtor mental “Em meu sonho, Suellen é uma boa presidente”. Dessa forma a sentença acima não po-

de ser considerada contraditória, uma vez que as descrições são tomadas em espaços mentais diferentes.

É necessário definir os domínios estáveis, estruturas partilhadas socialmente, que orientam os falantes em suas atividades comunicativas, dentre esses utilizaremos os Processos Cognitivos de Mesclagem.

Para Ávila (2003) a mesclagem é um conjunto de operações para combinar modelos cognitivos em uma rede de espaços mentais. Ela também nos deixa claro que o processo cognitivo de mesclagem “é constituído de dois ou mais espaços-fonte estruturados por informações de modelos cognitivos”, um espaço genérico com estruturas existentes nos dois domínios, “um espaço-mescla formado por estruturas parciais de cada um dos espaços-fonte e, também, estrutura emergente própria que se diferencia das dos outros espaços-fonte” (ÁVILA, 2003, p. 14).

Na mesclagem temos a projeção parcial de estruturas conceptuais de um estado para o outro. Conforme Fauconnier (1999) as projeções operam no sentido de construção e ligação de domínios. No que diz respeito ao processo de construção de significados no qual nos engajamos, as projeções estão sempre inerentes. Um exemplo mais esclarecedor em relação às projeções é apontado a seguir:

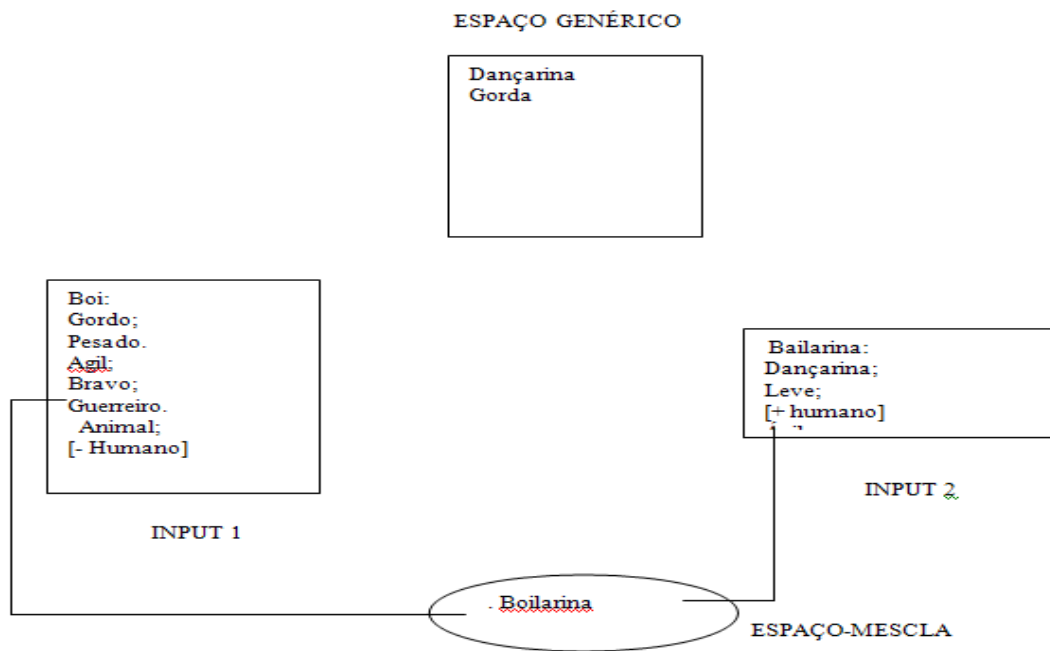


Diagrama 2.  
Dois espaços-fonte; Input 1 e input 2, que se juntam para a formação de um espaço mescla

Coexistem, neste exemplo, dois espaços-fonte, o input 1, que diz respeito ao elemento Boi, e o input 2, que diz respeito ao elemento bailarina. Esses inputs 1 e 2 vão

contribuir para o estabelecimento de um espaço-mescla no qual temos elementos importados de 1 Boi: gordo, devagar e elementos importados de 2 Bailarina: leve, dançarina. Os inputs não possuem elementos em comum, porém no espaço-mescla eles se juntam para a formação de um vocábulo com novo significado e a estrutura se configura como uma nova categoria de bailarinas, que é a de boilarina, aquela bailarina gorda.

Entre os variados tipos de projeções estudados por Fauconnier, há um destaque em relação às mesclagens (*blendings*). Na concepção de Freud chiste explicaria em partes como se forma o *blend* lexical. Para ele o chiste seria a capacidade de unir ideias diversas de forma rápida, sendo esta rapidez a principal e mais forte característica dos chistes.

Dentre as técnicas de chistes apresentadas encontra-se a *condensação*, em que se reagrupam as bases das palavras formando-se um chiste, esta pode ocorrer também através da formação fonológica por meio da junção de ideias.

Essa reflexão freudiana nos leva a comparar a ideia de chiste ao *blend*, pois ambos apresentam características em comum, como a rapidez, o reagrupamento das bases das palavras através da formação fonológica e também pela junção de ideias.

## 2. *Blends Lexicais*

Os *blends* podem ser definidos como a união de duas palavras ou mais, com algum tipo de semelhança fonológica, morfológica, sintática ou semântica entre si. Podemos citar como exemplo de *blends* lexicais palavras como *sacolé*, *matel*, *boilarina*, *bebe-morar*, *gayroto*, *portunhol*, *sextaneja* e *chafé*. Pode-se dizer que os *blends* tem por finalidade a formação de palavras novas no português, acompanhando sempre as tendências e as necessidades sociais de comunicação. Eles são oriundos de processos linguísticos, ou seja, não são formações arbitrárias ou aleatórias, de acordo com a definição de Gonçalves (2003).

O *blend* difere-se do processo de composição, pois nele as raízes das palavras se unem, sem ocorrer o encadeamento propriamente dito destas, pois a ordem linear delas não é conservada, como acontece em *aguardente*, *planalto*, *beija-flor*, entre outras.

Uma vez que as bases para se formar um *blend* são livres, elas equivalem a palavras morfológicas. A junção de duas destas gera um lexema, que não necessariamente conservará o significado das partes que o compõe (haverá, então, um acréscimo de sentido em relação ao primeiro vocábulo), esta nova forma é, então, uma nova palavra morfológica.

As bases iniciais que servem para a formação de um *blend* se fundem literalmente, isso acarreta perda de material fônico:

(a) *Falsúria* (falsa + Súria)- “Sátira do Casseta & Planeta à Súria, personagem que apresenta uma personalidade falsa, na novela Caminho das Índias”.

(b) *Pedagonia* (Pedagogia + agonia) – “Pedagogia, um curso que daria agonia em fazê-lo”.

Uma das bases simultaneamente é utilizada como parte da outra, dessa forma, criam uma nova palavra:

Pedagogia + agonia = *pedagonia*

Falsa + Súria = *Falsúria*

Sendo assim, as palavras que se juntam apresentam uma letra ou até mesmo uma sílaba em comum, que correspondem também à união entre um ponto que apresente semelhança fonológica entre as duas formas:

bela + Beatriz = *Belatriz*

Segundo Silveira (2002) e Álvaro (2003), “o que segue ou precede o ponto de quebra nem sempre é um constituinte morfológico”, isso faz com que o *blend* seja distinto da composição. Outra diferença é que na composição cada um dos constituintes da nova forma preserva sua própria palavra fonológica, o que não acontece com os *blends*. (SILVEIRA, 2002; ÁLVARO, 2003. apud GONÇALVES, 2003, p. 153).

Para se ter um *blend* as palavras utilizadas não terão sempre o mesmo tamanho e, geralmente, as palavras pequenas tendem a ser conservadas servindo de base para o *blend*, já as maiores complementam o restante da significação da nova palavra. Como o exemplo extraído de Gonçalves (2003):

Boi + bailarina = *boilarina*, ou seja, “bailarina muito gorda”.

Analisaremos a seguir algumas piadas, nas quais o humor se dá a partir da formação de *blends* lexicais:

(a) Fulano afirma, mas o Arnold *Schuaznega*.

Para a formação de *Schuaznega*, temos primeiramente duas palavras morfológicas, de um lado *Schwarzenegger* e de outro o *nega* (afirmativa do verbo negar). Ao se unirem para formar um *blend*, a forma maior perde parte de sua estrutura (sem perder a porção de maior ênfase) e a menor forma se mantém para que não ocorra perda do significado que se quer dar à nova palavra (no caso, um significado de negação).

A união entre as formas ocorre a partir da partícula *neg*, presente nas duas palavras e também através de uma estrutura fonológica compartilhada por ambas as formas iniciais. Como veremos a seguir:

Schwarzen**egger** + **nega** = *Schuaznega*

O humor nesta piada é proveniente da aproximação fonológica entre uma parte do nome do ator (*egger*), com a forma verbal *nega* (do verbo negar). E também se dá pela junção do sobrenome do ator ao verbo negar, o que acarreta o sentido de negação ao nome do ator, como se ele se negasse a fazer algo.

(b) Havia um campeonato em uma cidade que consistia em quem comia 1000 hambúrgueres primeiro, só que todos só conseguiam chegar a 999 e depois ou vomitavam, ou morriam. Qual é o nome do filme?

*Milssão* impossível.



Na formação do vocábulo *Milssão*, temos inicialmente as formas matrizes *mil* e *missão* (vocábulos morfológicos). A partir da união dessas duas palavras, surge um novo vocábulo morfológico, com uma nova significação: o número mil em relação ao ato de comer hambúrgueres nunca é atingido, sendo assim impossível completar tal ação: *milssão* (*mil* + *são* – verbo *ser*) impossível.

Ao formar esse *blend*, a menor forma é conservada e serve como base para a formação do novo vocábulo, já a maior complementa o restante da nova significação, que intencionalmente se buscou construir.

**Missão + mil = Milssão**

A junção das duas palavras ocorre, então, a partir da sílaba em comum **mi**, ou seja, através de um traço fonológico e morfológico, que as duas estruturas compartilham.

A graça desta piada se dá ao haver substituição de um nome (*missão*), por outro fonologicamente semelhante (*milssão*). Porém, para a formação de *milssão* tem-se um contexto, no qual a meta de se comer certo número de hambúrgueres (*mil*) não consegue ser atingida (então, *mil são impossível = milssão*).

(c) Coube dinheiro no seu bolso? No do Juscelino *Koubecheque*

No exemplo em questão, aproveita-se mais o conteúdo fonológico que o morfológico das palavras bases: *Kubitschek* e *coube cheque*, gerando uma nova palavra por meio da semelhança fônica delas: *Koubecheque*, ou seja, aproveitam-se as letras que se igualam fonologicamente.

A primeira estrutura utilizada (*Kubitschek*), para a formação do *blend*, é constituída por um único vocábulo morfológico e fonológico, já a segunda (*Coube cheque*) é formada por dois vocábulos morfológicos e dois fonológicos. Com a junção dessas formas gera-se uma nova palavra, cujo significado corresponde ao das formas da última estrutura aproveitada (*Coube cheque*).

**Kubitschek + Coube cheque = Koubecheque**

A formação do *blend* ocorre também através do aproveitamento das partes iguais das palavras iniciais, ou seja, **ub** e **che**, partes que se integram ao componente fonológico das palavras matrizes (**K** corresponde ao **c** e o segundo **k** corresponde ao **que**) para formarem o novo vocábulo.

Na piada, o tom humorístico se dá devido a uma aproximação fonológica entre um dos vocábulos da matriz (*Kubitschek*), com outros dois constituintes desta coube (verbo *caber*) e *cheque*. Existe a utilização do sobrenome de Juscelino, para que se relacione tal sobrenome a um objeto que cabe no bolso deste (*cheque*, na verdade só cabe *cheque* no bolso do Juscelino, dinheiro não), contrapondo-se ao bolso das outras pessoas, no qual cabe dinheiro.

(d) O que a minhoca falou pro minhoco?

Você *minhoquece!*

A forma *minhoquece* surgiu da junção de duas outras palavras morfológicas, no caso *minhoca* e *enlouquece*. Houve a junção de um nome a um verbo, o que fez com que as minhocas recebessem o atributo de enlouquecer (se o homem enlouquece, a minhoca *minhoquece*). Para a junção destas duas formas, parte-se dos elementos prosódico e morfológico comum entre os dois, o fonema *mi* (de minhoca) e o *me* (de me enlouquece), além do fonema *o*.

**Minhoca + Me enlouquece = Minhoquece**

A graça na piada supracitada nasce do fato de atribuímos à minhoca uma característica humana, que é enlouquecer. O fato é que o minhoco (minhoca macho) ao invés de se enlouquecer de desejos pela minhoca (minhoca fêmea) ele *minhoquece*.

(e) Havia uma mulher chamada Alice, que nunca tomava banho. Mas mesmo assim havia 3 caras a fim dela. Qual é o nome do filme? Os Cavaleiros da *Porcalice*.

Para a formação de *porcalice*, temos inicialmente dois vocábulos morfológicos *porca* e *Alice*. Ao se unirem para formar o *blend*, o fazem a partir de um elemento comum às duas palavras o morfema e o fonema *a*.

Com a junção das duas formas, a primeira (*porca*) passa a caracterizar o nome que a ela se junta (*Alice*), gerando assim o vocábulo *porcalice*.

**Porca + Alice = porcalice**

Tal vocábulo gera a graça ao substituir o nome de um filme, que originalmente se chama “Os Cavaleiros do Apocalipse” e se transformou, de maneira intertextual, em “Os Cavaleiros da *porcalice*”. O humor, nesta piada, acontece, em primeiro lugar, devido à semelhança fônica entre “*apocalipse*” e “*porcalice*”. E em segundo lugar, é proporcionado pela nova formação de *blend* lexical, na qual Alice seria uma garota porca (desarrumada, suja, desorganizada, entre outras).

### 3. Considerações finais

Para a formação de um *blend* lexical, tem-se necessariamente que haver a junção entre pelo menos duas palavras (ou vocábulos morfológicos). Essa ligação se dá a partir de pontos convergentes entre as palavras, podendo ocorrer a ligação entre apenas uma letra em comum, ou até em sílabas compartilhadas por ambas as formas.

É importante ressaltar que a menor forma, na maioria das vezes, se mantém integral na junção, para que seja de alguma maneira significativa e dê à nova forma um sentido, que nasça da junção das duas palavras envolvidas. Sem sobreposição de um significado em relação ao outro, mas com a conexão destes. Entretanto, a palavra maior da junção mantém o elemento mais significativo quando se une a outra, para que seu significado inicial seja mantido na nova estrutura da palavra.

O humor, presente nas piadas que analisamos, provém de construções do tipo *blend* lexical, pois duas palavras são unidas para que haja uma junção de significados.

A nova significação surgida é que caracteriza a graça nas piadas.

Sendo assim, no Brasil *blends* lexicais são formações que proporcionam às pessoas unirem vocábulos que possuem algum elemento em comum para formar uma nova palavra (a partir de outra já pré-existente), sem necessidade de se criar uma palavra totalmente nova. Esse tipo de construção é utilizado, muitas vezes, para se construir situações humorísticas, as quais são encontradas em variadas situações de comunicação, até mesmo em programas de televisão como “Casseta & Planeta” e “Pânico na TV”.

**Suellen Lopes Barroso** é graduanda em Letras pela Universidade Federal de Viçosa. e-mail: suellen\_paulac@yahoo.com.br

**Roselene Vaúna de Almeida** é graduanda em Letras pela Universidade Federal de Viçosa. e-mail: rosevauna@yahoo.com.br

**Rodrigo Corrêa Martins Machado** é graduando em Letras pela Universidade Federal de Viçosa. e-mail: rodcorrear@hotmail.com

O trabalho foi realizado sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Luciana Beatriz Bastos Ávila.

#### 4. Referências bibliográficas

ÁVILA, L. B. B. *O indiscreto charme do humor: um estudo sócio-cognitivo do discurso humorístico*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2003.

BASÍLIO, Margarida. *Formação de classe de palavras*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 13 -18.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FAUCONNIER, G. *Espaces mentaux*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Blends Lexicais em português: não-concanetividade e correspondência*, in: *Veredas – Rev. Est. Ling*, Juiz de Fora, v. 7, n.1 e n. 2, p. 149-167, jan./dez. 2003.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

POSSENTI, Sírío. *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2002..

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à Morfologia*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SALOMÃO, M. M. M. *O processo cognitivo de mesclagem na análise lingüística do discurso*. Projeto integrado de pesquisa do grupo Gramática, Cognição e Interação. Juiz de Fora: UFJF, UFRJ e UERJ, 1999.

\_\_\_\_\_. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem, in: *Veredas: revista de estudos lingüísticos*. Juiz de Fora: Editora UFJF, v.3, n.1, jan./jun.,1999.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. New York: Cambridge University Press, 1990.